



Arte e Meio Ambiente no Jornalismo: Uma análise das charges com viés ambiental publicadas no Correio de Sergipe¹

Pedro Ivo de Moraes MARQUES²

Thayza Darlen MACHADO³

Matheus Pereira Mattos FELIZOLA⁴

Universidade Federal de Sergipe – UFS, SE

RESUMO

A arte como ferramenta de problematização de questões ambientais no universo dos veículos de comunicação jornalística pode atuar como importante meio de conscientização social acerca dessa temática, principalmente no contexto atual, no qual o planeta carece de novos modelos de gestão dos seus recursos naturais. Neste sentido, o presente trabalho se dedicou a analisar de que forma o jornal Correio de Sergipe aborda temas de viés ambiental em suas charges. Para tanto, utilizou a metodologia da Análise de Conteúdo, no seu viés qualitativo, e uma entrevista aberta com o criador das ilustrações, no intuito de captar as intenções subjacentes à decisão de abordar o meio ambiente em seu trabalho. A pesquisa pôde captar que a abordagem de temáticas ambientais foi utilizada, muitas vezes, para fundamentar críticas de viés político-ideológico à administração pública local.

PALAVRAS-CHAVE: Charges, Correio de Sergipe, Jornalismo, Meio Ambiente

1. Introdução

A agilidade com que a arte ilustrativa transmite conteúdos informativos a um dado observador é encarada como sendo muitas vezes superior àquela das informações verbais veiculadas em forma de texto. A velha máxima “uma imagem vale mais do que mil palavras”, por desgastada que esteja, com frequência circula no discurso midiático quando se objetiva atestar a soberania da imagem em detrimento do texto.

O trabalho em questão, distante de querer sobrepor uma categoria à outra, mas ciente do potencial comunicativo da imagem, pretendeu analisar o espaço conferido ao tema Meio

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º Período do Curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo da UFS, email: carl.yung@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação do 8º Período do Curso de Comunicação Social Hab. Jornalismo da UFS, email: dmthayza@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da UFS, email: aracaju@infonet.com.br



Ambiente nas charges do jornal diário Correio de Sergipe e de que forma tal conteúdo é expresso em suas páginas. Defende-se no exposto que a charge como manifestação artística vinculada ao jornalismo acrescenta significativo valor informativo às notícias às quais ela faz referência, pois contextualiza de forma descontraída e humorística os fatos. Neste sentido, essa ferramenta pode e deve ser utilizada como meio de alertar a sociedade acerca dos problemas ambientais que assolam seu cotidiano.

O material recolhido para a análise limitou-se ao ano de 2010 (de janeiro a novembro – mês em que o chargista deixou de trabalhar para o veículo). Desastres ecológicos como o acontecido com a empresa de extração de petróleo British Petrol, catástrofes naturais a semelhança do terremoto que aconteceu no Haiti, as fortes chuvas no Rio de Janeiro e em Sergipe, ocuparam grande espaço na mídia nacional e local durante esse ano e suscitaram debates acerca de temas como desenvolvimento sustentável, aquecimento global e plano diretor, o que justifica a razão desta delimitação temporal.

Somado a esta seleção, da qual se ocupou tanto a análise quantitativa quanto a qualitativa, foi realizada uma entrevista aberta com o chargista Ewerton Batista dos Santos, responsável pela criação das ilustrações analisadas, na intenção de captar o sentido que ele atribui à cobertura ambiental expressa no seu trabalho.

2. O Correio de Sergipe

A escolha do jornal Correio de Sergipe como relevante objeto de estudo, em detrimento dos demais veículos impressos em circulação no estado, foi legitimada principalmente porque este era⁵ um dos poucos veículos locais a utilizar a charge em suas páginas de opinião. A esta observação, seguiu-se à verificação da ocorrência de temas ambientais em suas abordagens.

O jornal foi fundado no ano 2000 pela família Alves. O diretor presidente é João Alves Neto, primogênito de João Alves Filho, liderança política em Sergipe, onde foi eleito governador em três pleitos pelo então Partido da Frente Liberal (PFL), hoje Democratas (DEM). O jornal tem periodicidade diária e situa-se como um dos impressos de maior circulação do estado.

A linha editorial do veículo atua na defesa dos interesses políticos do DEM e é efetivada na crítica às irregularidades político-administrativas do partido da situação, liderado

⁵ A utilização do verbo no passado justifica-se porque o chargista responsável pela criação das ilustrações foi demitido em novembro de 2010, sob a alegação de que a empresa precisava cortar gastos com pessoal.



pelo Governador Marcelo Deda, do Partido dos Trabalhadores. O editorial de 3 de julho de 2011, eleito arbitrariamente, corrobora a afirmação acima exposta:

Campanha ausente

Todo cidadão tem direito à educação, casa, saúde e lazer. Pelo menos é o que diz a Constituição Brasileira. Mas educação e saúde, moradia e lazer não chegam para todos. Pelo menos aqui em Sergipe, pouca gente tem direito àquilo que diz a Constituição. O que se tem notado nos hospitais são as enormes filas, seja apenas para fazer um procedimento de cirurgia ou uma consulta. Ser internado para tratamento de saúde é uma questão de muita sorte.

[...] O governo tem a obrigação de tratar os doentes, mesmo aqueles que não contribuem, pois estão desempregados e é por isso que existem hospitais públicos. Pena que esse tipo de tratamento só deixa a desejar [...] ⁶

Conforme exposto, a crítica faz referência à debilidade com que a administração pública trata a questão das políticas de saúde. O nível marcadamente coloquial e jocoso do discurso pretende induzir os leitores a perceber o descaso com que a questão tem sido tratada. Tanto que relega o atendimento ao acaso da sorte: “Ser internado para tratamento de saúde é uma questão de muita sorte”. Seu posicionamento contrário a essa gestão é mais adiante explicitado: “esse tipo de tratamento só deixa a desejar”.

3. Ambientalismo e Jornalismo Ambiental

Ao explicitar o posicionamento ideológico do veículo analisado, faz-se necessário fundamentar porque razão um jornal com posições marcadamente políticas, que se dedica a exaltar as ações do partido que apóia e criticar as da oposição, não deixou de lado a abordagem de temas ambientais em suas charges. Defende-se aqui que esse fato está relacionado ao potencial informativo dessa ilustração para dialogar com os mais diversos níveis intelectuais da sociedade e com a ampliação da importância de pensar o meio ambiente nos diversos setores da vida social.

A preocupação pública acerca da problemática ambiental começa a ganhar corpo a partir do século passado, em meados dos anos sessenta, nos Estados Unidos e Suécia. É quando passa a despontar no cenário mundial organizações não governamentais, grupos comunitários de abrangência internacional, pesquisadores e comunidades científicas, representantes de setores de gerenciamento e uso de recursos, mercado consumidor mais exigente com a produção verde e agências certificadoras (VIOLA,1998).

⁶ Extraído do jornal Correio de Sergipe, edição 3134, em 3 de julho de 2011.

É só a partir de meados da década de 80, no entanto, que esse movimento atinge a população mundial, que começa a se dar conta de que o modelo de desenvolvimento capitalista, com a sua lógica de estímulo ao consumo desenfreado, estava a comprometer seriamente o equilíbrio da vida no planeta. Em sua análise sobre o processo de globalização da política ambiental no Brasil durante os anos 1990-1998, Viola (1998) cita seis dimensões que se inter-relacionam no processo de globalização e atribui ao viés científico-ambiental notório destaque em relação aos demais:

“A dimensão ecológico-ambiental constitui o mais poderoso dos processos de globalização com repercussões extraordinárias sobre a atividade científica e sobre os conceitos básicos que utilizamos para conhecer a realidade social: quando os astronautas da primeira nave tripulada chegaram a Lua em 1969, e conseguiram descrever e fotografar «o planeta azul» desde o espaço, atingiu-se um ponto de inflexão na construção da imagem da globalização que mostraria seus frutos mais profundos com a emergência da comunidade científica do «Global Environmental Change» na segunda metade da década de 1980 (Buttel, Hawkins and Power 1990)” (VIOLA, 1998, p.4)

É também no avançar da década de 80 do século passado que o movimento ambientalista no Brasil começa a ganhar corpo. No início relegada às classes de nível intelectual mais elevado, os discursos veiculados pelos representantes desse movimento não tinha, ainda, suscitado o desenvolvimento de uma “consciência ecológica”. É a partir da segunda metade dessa década, com a candidatura para cargos públicos de alguns defensores da causa, que os ideais dos grupos ambientalistas passam a figurar no cenário político (COSTA, 2003).

É importante ressaltar ainda o surgimento das ONGs e OCIPs, as chamadas instituições do terceiro setor, que despontam como resposta ao esvaziamento ideológico dos movimentos políticos e o enfraquecimento do Estado perante a sociedade. Essas organizações passam a atuar junto à população como mediadora entre o público e o privado. No tocante ao meio ambiente, a partir da produção, divulgação e reprodução de conteúdos imbuídos de sentidos ecológicos, elas contribuem para que temática ambiental atinja outros setores da vida social. E é a partir daí que, como salienta VIOLA (1998), “O ambientalismo, surgido como um movimento reduzido de pessoas, grupos e associações preocupados com o meio ambiente, transforma-se num capilarizado movimento multissetorial”.

Dentro deste movimento multissetorial a mídia, e mais especificamente o jornalismo, desempenha importante papel graças à sua capacidade de alimentar a sociedade com informações que incitam a discussão e a problematização de temas.

Neste sentido, o escritor e jornalista Wilson da Costa Bueno defende que o profissional que trabalha com a temática ambiental deve estar atento a uma série de particularidades que se engendrarão no contexto de produção da informação ambiental:

Um olhar, ainda que ligeiro, sobre a cobertura do meio ambiente evidencia, de imediato, a necessidade de se contemplar realidades e instâncias distintas no processo de produção jornalística que se orienta para esta temática. Isso porque a cobertura apresenta singularidades quando se considera a imprensa de informação geral ou de negócios, a imprensa segmentada ou especializada em meio ambiente, ou ainda quando se focaliza especificamente as diversas mídias ou ambientes midiáticos, como o rádio, a TV e a Internet⁷

A pesquisa aqui apresentada se debruçou sobre um veículo impresso de circulação diária e não especializado, o que de alguma forma tende a diferenciar sua cobertura em relação a meios que se dedicam exclusivamente sobre a temática ambiental. Uma outra particularidade desse trabalho foi a escolha da charge, aqui situada no gênero jornalístico de opinião.

4. A charge no jornalismo

A Charge é caracterizada como um elemento gráfico de forte conteúdo político que compõe uma parte do editorial de um jornal. Mais do que simples desenhos humorísticos esses tipo de arte mescla características opinativas dentro do jornalismo, representando assim uma ferramenta argumentativa frente a leitores.

O próprio jogo de enquadramento desse conteúdo dentro da diagramação de um jornal justifica esse elevado teor argumentativo. Localizada ao lado ou abaixo da carta editorial, a charge está num local privilegiado o que reforça a idéia de sua importância na percepção de quem lê. Traquina (2001) destaca:

Os enquadramentos das matérias dão aos leitores pistas para compreensão dos acontecimentos. Por outras palavras, os enquadramentos contribuem para a construção de significados para os acontecimentos. Por isso, os atores sociais lutam para que os seus enquadramentos sejam apresentados de forma privilegiada na comunicação social. (TRAQUINA, 2001, p. 89).

No entanto essa consagrada ferramenta de sátira e humor também pode se confundir com gêneros afins como as caricaturas e cartuns. Para sanar essas dúvidas, convém citar o que disse Cagnin (apud Miani, 2005), ao pontuar o que no geral compete a um trabalho de charge:

⁷ Entrevista publicada no site www.ecoviagem.uol.com.br, acessada em 13 de junho de 2011.

[...] expor uma idéia, dissertar sobre um tema. Ainda que esteja ligada a um fato ou acontecimento e o represente de alguma forma, sua preocupação ou a do chargista não é o acontecimento, mas o conceito que faz dele, ou mais comumente a crítica, a denúncia do fato, quando não procura aliciar o leitor para os seus arazoados, princípios, programas ou ideologia. (CAGNIN *apud* MIANI, 2005)

Por isso é conveniente afirmar que a charge atua como ferramenta que divulga a informações de determinado fato sem se ater à objetividade buscada no gênero jornalístico notícia, e é esclarecedora ao indicar o posicionamento de quem o cria. Nesse tipo de ilustração o juízo de valor que se faz de determinado assunto é o destaque. Assim, no processo comunicativo essa arte gráfica tem o incrível poder de intertextualidade, ou melhor, de citar, refletir e relacionar-se com outros objetos seja ele a notícia, a polêmica, a denúncia ou mesmo uma pura e simples impressão que se tem de algo. E porque não dizer: A charge é um link entre fatos jornalísticos e as interpretações destes. Em outras palavras ela se configura como uma espécie de chamada persuasiva para o leitor como um “Ei, psiu! Veja isso!”.

5. Metodologia e Análise de Dados

A pesquisa aqui exposta fez uso da metodologia da Análise de Conteúdo, referencial cujo ponto de partida é a mensagem, mas que prima também por considerar as condições contextuais dos seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem. O que implica afirmar que, além da semântica da língua, essa abordagem metodológica investiga também o sentido atribuído às mensagens (PUGLISI e FRANCO, 2006).

O levantamento para análise do edital de ilustrações do Jornal Correio de Sergipe é uma amostragem arbitrária e limitada às charges publicadas no ano de 2010. Dentro dessa delimitação temporal, foram contabilizadas 273 ilustrações publicadas entre as edições Nº 2685 de 1º de janeiro de 2010 e Nº 2958 de 30 de novembro de 2010. Através da leitura desse conteúdo, foi contabilizado que cerca de 7% do material publicado naquele ano, o que equivale a 18 charges, abordava questões ligadas a meio-ambiente.

Esse é um resultado razoável ao considerar que o foco do edital de ilustrações é a política e assuntos em destaque como segurança pública e saúde. A justificativa para predominância desses temas está na própria origem do termo charge, que vem do francês ‘carga de combate’, que significa impacto, ou para o jornalismo, fatos polêmicos em de destaque.



A análise das 18 charges sobre meio ambiente também permitiu a percepção de representações dos principais problemas ambientais em suas várias facetas. As ilustrações foram agrupadas em seis tipos de assuntos:

Assuntos	Edições do jornal/ data	Total de ilustrações
Ondas de calor	Nº 2940(07-09-2010) Nº 2695(14-01-2010) Nº 2736(08-03-2010) Nº 2708(29-01-2010)	4
Energia nuclear em Sergipe	Nº 2714(21-02-2010)	1
Poluição nas praias	Nº 2901(22-09-2010) Nº 2881(28-08-2010) Nº 2848(21-07-2010)	3
Planejamento urbano e enchentes	Nº 2698(17-01-2010) Nº 2763(08-04-2010) Nº 2785(05-05-2010) Nº 2769(15-04-2010) Nº 2816(11-06-2010) Nº 2822(18-06-2010) Nº 2746(17-05-2010) Nº 2773(20-04-2010)	8
Recursos hídricos	Nº 2919(12-10-2010)	1
Políticas públicas	Nº 2793(14-05-2010)	1
Número total de charges		18

Além da divisão por assuntos, foi construída uma outra tabela que expressa o tipo de personagem utilizado pelo artista para ilustrar suas charges. Há destaque no número de desenhos nos quais os protagonistas são líderes políticos e outros em que são personagens fictícios. É importante frisar que isso influi na percepção das diferentes esferas em problemáticas relacionadas ao meio ambiente e também confere pluralidade ao conteúdo. De acordo com a análise, foram identificadas três charges com políticos e 15 com personagens fictícios.

A partir do que foi analisado, concluiu-se que nas charges políticas há a representação de líderes municipal e estadual e nas charges com personagens fictícios há representações das classes média e 'd', personagens de quadrinhos de conhecimento nacional, dentro outros.



Personagens	Edições do jornal/ data	Total de ilustrações
Político governo municipal	Nº 2785(05-05-2010)	1
Político governo estadual	Nº 2714(21-02-2010) Nº 2773(20-04-2010)	2
Político governo federal	Nº 2793(14-05-2010)	1
Personagem fictício	Nº 2940(07-09-2010) Nº 2695(14-01-2010) Nº 2736(08-03-2010) Nº 2708(29-01-2010) Nº 2901(22-09-2010) Nº 2881(28-08-2010) Nº 2848(21-07-2010) Nº 2698(17-01-2010) Nº 2763(08-04-2010) Nº 2769(15-04-2010) Nº 2816(11-06-2010) Nº 2822(18-06-2010) Nº 2746(17-05-2010) Nº 2919(12-10-2010)	14
Número total de charges		18

5.1. Análise qualitativa dos dados

As charges com temática ambiental publicadas no jornal Correio de Sergipe configuram uma amostragem carregada de peculiaridades comunicativas. Todo esse material é marcado não só pelo ponto de vista do seu autor, Ewerton Batista, como também pelo seu estilo técnico enquanto chargista. Em seu trabalho pode-se observar a ausência de balões e, muitas vezes, de enunciados escritos. Isso cria uma condição para a percepção do leitor: estar informado acerca dos acontecimentos noticiosos. Para Eisner “as imagens sem palavras, na verdade, exigem certo refinamento por parte do leitor. A experiência comum e um histórico de observação são necessários para interpretar os sentimentos mais profundos do leitor” (EISNER, 2001, p.24). Esse refinamento, no entanto, não está relacionado somente ao nível intelectual de quem vê a charge. Qualquer cidadão que acompanhe o noticiário e o contexto sócio-político ao qual está situado será capaz de compreender o que ‘fala’ a imagem.

Confirmando essa observação o próprio chargista, Ewerton Batista, revela:

Acho que a proposta da charge é ser interpretada, fui muito criticado porque não uso balãozinho nos meus desenhos, porque hoje em dia os leitores querem facilidade na comunicação e tudo muito simples, muito pronto, mas eu não gosto disso. Um quadrinho é um quadro, e é você que tem que ler o contexto e interpretar. Tem que estar por dentro das notícias para entender a piada ou crítica. Se você sabe do contexto vai saber o que estou dizendo.

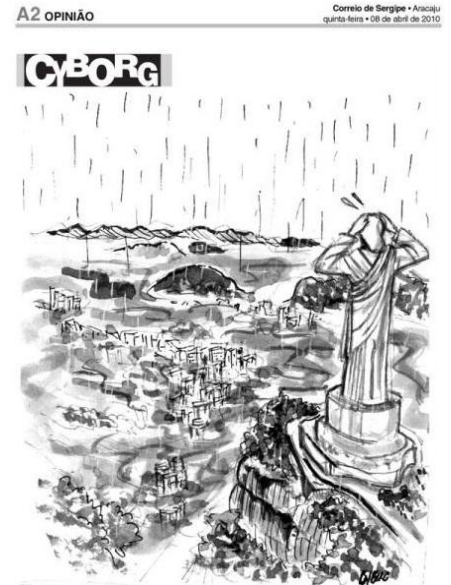
Um caso evidente é a publicação da edição N°2763, de 08 de abril de 2010, onde foi abordada a questão das chuvas e enchentes no Rio de Janeiro. A charge não traz nenhum enunciado escrito, apenas a imagem do Cristo Redentor, um ícone da cidade, em expressão de desespero. Para entendê-la é necessário, antes de tudo, ter o conhecimento das catástrofes climáticas ocorridas naquele período. (Veja publicação da edição N°2763 ao lado)

Outra característica observada nas charges é o tom do discurso, que oscila entre a crítica social e o humor. Em certas publicações as questões ambientais não são tratadas de maneira humorada, mas crítica, reforçando o tom emocional em que leitor pode vir a ser envolvido.

Também opera neste sentido a publicação da edição N°2698, de 17 de janeiro de 2010. Nela se destaca a frase ‘O Haiti é aqui’ um enunciado irônico que faz a denúncia sobre a falta de planejamento em um dos mais belos roteiros turísticos ambientais de Sergipe, a Coroa do Goré. Além de fazer uma menção direta ao acidente que foi matéria naquela edição do jornal, o enunciado relaciona a situação do Haiti, país marcado por um histórico de fome e violência social, que em 2010 sofreu com um terremoto que dizimou e desabrigou considerável parcela da população. (Veja ao lado publicação da edição N°2698, 17 de janeiro de 2010.- O Haiti é aqui!)

Nas charges, a política e as questões ambientais são retratadas de maneira afim. Isso reforça tanto a multissetorialidade da temática ambiental quanto a essência política e crítica desse tipo de arte.

A charge é essencialmente política em todos os sentidos de palavra, e obrigatoriamente, carrega grande força crítica, poder reivindicatório e contestador. A simbologia das personagens e temáticas de que o chargista se apossa indicam e apontam para um mundo vivido. Só tem sentido fazer charge de figuras públicas e que sejam reconhecidas pela grande massa da população, que é o que produz o impacto maior no humor. (CONFORTIN, 1999, p.84 apud GARCIA, 2006, p.4).



Edição N°2763 de 08 de abril de 2010- Chuvas no Rio de Janeiro



Publicação da edição N°2698, 17 de Janeiro de 2010.- O Haiti é aqui!

O caráter reivindicativo ligado ao cotidiano de quem lê pode ser notado na charge publicada na edição N°2769 de 15 de abril de 2010. Nessa publicação, o chargista traz à tona o problema das enchentes que em abril de 2010 atingiram a Zona de Expansão da cidade de Aracaju e deixaram centenas de pessoas desabrigadas. Na legenda a frase ‘Capital da qualidade de vida... É...vida subaquática’ ironiza o *slogan* do governo municipal que é ‘Aracaju : capital da qualidade de vida’. Nessa publicação é possível destacar o forte conteúdo político em uma charge que aparentemente destaca apenas o problema das enchentes, mas traz em seu discurso a contestação da ausência de políticas públicas de planejamento urbano. (Veja ao lado a charge publicada na edição N°2769 de 15 de abril de 2010) .

A2 OPINIÃO

Correio de Sergipe • Aracaju
quinta-feira • 15 de abril de 2011



Edição N°2769 de 15 de abril de 2010- Enchentes na zona de expansão de Aracaju.

O chargista Ewerton Batista ainda destaca o apelo político das charges sobre essa temática: “As charges sobre falta de planejamento urbano na cidade incomodou muito as lideranças políticas do governo estadual. Quando eu faço meu trabalho, eu busco a voz de quem não tem atividade política para denunciar”

Outro ponto importante foi a forte representação do icônico nas charges que reforçam elementos característicos da cultura nordestina. Drigo e Souza (2006) enfatizam que na charge existe uma união da imagem com a linguagem para transmissão da mensagem, da notícia:

Há na charge um plano de natureza predominantemente icônica – relativo à imagem enquanto representação do real – que age como interpretante do verbal (símbolo), podendo esse último – o texto verbal – configurar-se na própria charge ou estar embutido em outras partes do jornal. (DRIGO & SOUZA, 2006).

A esse respeito convém citar uma charge sobre políticas públicas, publicada na edição N° 2793, de 14 de maio de 2010. Nela são usados ícones como o burro e o chapéu de couro para caracterizar a Região Nordeste, criando uma piada com os personagens Lula e Dilma Rousseff. Na charge as políticas do PAC e da Transposição do Rio São Francisco são denunciadas (confira ao lado a charge da edição N° 2793, de 14 de maio de 2010).



Edição N° 2793 de 14 de maio de 2010- PAC e Transposição do rio

6. Considerações finais

A charge, assim como uma carta editorial ou coluna social, carrega em si uma ampla capacidade de formar novas percepções ou valores no público leitor. Embora focada na política, esse tipo de comunicação visual abre possibilidades de explorar o ambientalismo em seus variados ângulos. As charges publicadas no Jornal Correio de Sergipe em 2010 comprovaram que, apesar de tímida, houve uma disposição de levar ao público opiniões sobre problemas ambientais que ganharam atenção no noticiário local e nacional naquele ano.

A maneira como essa arte se expressa, através do seu discurso irônico e crítico, e em outros momentos em tom de humor e sátira, reforçou a exploração do potencial comunicativo da ferramenta quando aliada ao jornalismo. No processo comunicativo, a emoção, a capacidade interpretativa e a própria bagagem cultural dos leitores são condições para o entendimento do material formado por assuntos como planejamento urbano e enchentes; políticas públicas; recursos hídricos; poluição nas praias e ondas de calor.

Embora os assuntos abordados já representem significativa multiplicidade de temas, o que pôde ser constatado é a ausência do interesse direto de conscientizar a população acerca das questões relacionadas ao meio ambiente, o que inclui suas próprias vidas. Os discursos atuam mais no sentido de denunciar que a administração pública não tem tratado das questões como deveria. Qual seja: a lógica comunicativa das charges atua mais na crítica a um modelo de gestão pública do que no interesse de educar as massas em torno da problemática ambiental. Isso pode ser em parte explicado pela ideologia do veículo de comunicação, formação política do ilustrador e também por sua visão acerca do papel de um comunicador: falar por aqueles que “não têm voz”. Uma atitude importante seria, acrescida ao que já é feito, ajudar a sociedade a construir seus discursos em torno de um saber ambiental fundamentado e contextualizado.



7. Conclusões

A importância do presente trabalho reside, sobretudo, nas suas pretensões, quais sejam: despertar o interesse de outros pesquisadores acerca da cobertura da temática ambiental nos veículos de comunicação de Sergipe e contribuir para aprofundar a compreensão acerca do papel dos comunicadores na construção de ressignificações de sentidos por parte da população. Por isso o interesse em analisar de forma relacional arte, jornalismo e meio ambiente no jornal Correio de Sergipe.

A parceria Arte/Jornalismo, graças às suas naturezas fincadas na comunicação de sentidos, tem capacidade inigualável de dialogar com a sociedade e incitar-lhe a compreender de forma mais aprofundada a problemática ambiental. Para a união resultar frondosa, diga-se, em benefício das pessoas, entretanto, faz-se necessário que aqueles que são socialmente legitimados a atuar como artistas/jornalistas compreendam a questão e nutram interesse por ela.

Bibliografia

ALVES, Gustavo Biasoli; BATISTELI, Silmara Siqueira. **Charges De Angeli: um estudo em análise crítica do discurso.** Disponível em: <www.unioeste.br/travessias/.../CHARGES%20DE%20ANGELI.pdf>, acessado em 17 de junho de 2011.

ANDRAUS, Gazy. **Literatura imagética das notícias via internet.** In: GT Humor e Quadrinhos do XXVI Congresso de Comunicação da INTERCOM. Belo Horizonte)

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática.** Disponível em: www.ecoviagem.uol.com.br > Artigos > Meio Ambiente. Acessado em 20 de junho de 2011.

DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de. **A charge política jornalística como processo signico.** In: Revista Verso e Reverso, ano XX, n. 43. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=7&s=9&a=64>>. Acessado em 12 de junho de 2011.

FERREIRA, Marcos Rogério. Editorial Animado **Na Internet: Visão Crítica Das Notícias Através Do Site Charges.Com.Br.** Disponível em: <<http://www.faccrei.edu.br/dialogoeinteracao>>, acessado em 12 de junho de 2011.

GARCIA, Nilce Helena da Mota. **Para Além das Palavras: Charges, Tiras e Quadrinhos.** Disponível em: <alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/.../sm03ss05_08.pdf>, acessado em 23 de junho de 2011.

MIANI, Rozinaldo. **As transformações no mundo do trabalho na década de 1990: o olhar atento da charge na imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC paulista.** Assis, Unesp. Doutorado. (Tese em História). Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.



SOARES, Rosivaldo Pinheiro. **A contribuição da charge na formação crítica:** uma análise nas charges publicadas nos dois principais jornais de Caruaru. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/48007160/Soares-Rosivaldo-Pinheiro-A-contribuicao-da-charge-na-formacao-critica-uma-analise-nas-charges-publicadas-nos-dois-principais-jornais-de-Caruaru>>, acessado em 22 de junho de 2011.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo das teorias do jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VIOLA, Eduardo. **Globalização da política ambiental no Brasil, 1990-1998.** In: XXI International Congress of the Latin American Studies Association", Panel ENV 24, Social and Environmental Change in the Brazilian Amazon; The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, USA, 24-26 de Setembro de 1998. Revan. Disponível em: lasa.international.pitt.edu/LASA98/Viola.pdf, acessado em 15 de junho de 2011, acessado em 18 de junho de 2011.